

A memória do governo militar brasileiro na narrativa audiovisual da telenovela e sua ressignificação pelos estudantes do ensino superior

Andréa Antonacci

Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM-SP (Brasil)

andrea@amaiscomunicacao.com.br

Dayse Maciel de Araujo

Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM-SP (Brasil)

daysema@terra.com.br

Resumo: Em 2011-2012, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) levou ao ar a telenovela *Amor e Revolução*. Ambientada nos anos iniciais da ditadura militar no Brasil, a produção utilizou o formato “história ficcional” para abordar um período pouco explorado nas teleficções realizadas no país. Ao final de alguns capítulos, foram exibidos depoimentos de ex-prisioneiros políticos e exilados, dentre outros. Neste artigo, analisamos a recepção da telenovela junto ao atual público estudantil do ensino superior, verificando a ressignificação ocorrida a partir da narrativa teleficcional. Investigamos ainda o papel da telenovela no processo de resgate de um período obscuro da história brasileira.

Palavras-chave: teleficção, história, memória, Brasil.

Resumen: En 2011-2012, el Sistema Brasileño de Televisión (SBT) salió al aire con la telenovela *Amor y Revolución*. Ambientada en los primeros años de la dictadura militar en Brasil, la producción utilizó el formato de "historia ficticia" para acercarse a un período aún por explorar en tele ficciones realizadas en Brasil. Al final de algunos capítulos se muestran testimonios de ex guerrilleros, de ex presos políticos y exiliados, entre otros. En este trabajo se analiza la recepción de las telenovelas junto al público actual estudiantil en la educación superior y se verifica la resignificación ocurrida a partir de la narración tele ficcional. Investigamos aún el papel de la telenovela en el proceso de rescate de un período oscuro de la historia brasileña.

Palabras clave: teleficción, historia, memoria, Brasil.

Abstract: In 2011-2012, the Brazilian Television System (SBT) broadcast the soap-opera *Amor e Revolução* (Love and Revolution). Set in the early years of the Brazilian military dictatorship, the production used the "fictional story" format to approach a period still to be explored in soap-operas held in Brazil. Testimonials by former guerrillas, political prisoners and exiles, among others, will be shown at the end of some chapters. In this paper, we analyze how the current university students receive such soap-opera by verifying the redefinition that has taken place triggered by the television fictional narrative. We also research the role of the soap-opera in the process of rescuing a dark period in the history of Brazil.

Key words: soap-opera, history, memory, Brazil.

1. Introdução

Primeira telenovela¹ no Brasil a apresentar a ditadura² como elemento central da narrativa, *Amor e Revolução* estreou no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)³ em 5 de abril de 2011. Foi ao ar ao longo de 204 capítulos, com final em 13 de janeiro de 2012. Sua audiência oscilou entre 5 e 6 pontos⁴ (segundo o instituto de pesquisa de mercado Ibope), sendo que cada ponto equivale a 60 mil domicílios na Grande São Paulo (região que reúne 39 municípios). A produção teve picos de 9 pontos, o que manteve o SBT em quarto lugar no horário, provavelmente frustrando os planos da emissora de recuperar o segundo lugar em audiência.

De autoria de Tiago Santiago (bacharel em Ciências Sociais e mestre em Sociologia), a telenovela foi ambientada nos anos iniciais da ditadura militar no Brasil, que se prolongou de 1964 a 1985. *Amor e Revolução* abordou em sua trama questões políticas, sociais, comportamentais e ideológicas. O final de alguns capítulos trouxe depoimentos de ex-guerrilheiros, políticos da época, familiares de mortos e desaparecidos, artistas e advogados de prisioneiros políticos. Os testemunhos foram apresentados durante os primeiros 60 capítulos, em edição condensada de dois minutos, após a exibição do conteúdo dramático.

¹ Após o final da ditadura militar, algumas produções televisivas representaram o período em obras ficcionais – algumas destacando o momento histórico, outras tomando-o somente como pano de fundo ou elemento isolado na trama. Dentre elas, figuram as minisséries *Anos Dourados* (1986), *Anos Rebeldes* (1992), *Hilda Furacão* (1998) e a telenovela *Senhora do Destino* (2004), todas exibidas pela Rede Globo. Ironicamente, essa rede recebeu investimentos do governo militar. O docudrama *Linha Direta*, também exibido pela Globo entre 2003 e 2007, retratou cinco casos reais ocorridos durante a ditadura militar: as biografias de Zuzu Angel (mãe de Stuart Angel, preso político assassinado pelo regime militar), Wladimir Herzog (jornalista assassinado dentro da prisão), Frei Tito (religioso que se suicidou após ficar mentalmente abalado pelas torturas) e do Cabo Anselmo (ex-militar que aderiu à luta armada contra a ditadura e depois se tornou informante dos militares) e o episódio da bomba que seria explodida em 1980 por militares de direita durante um show com milhares de pessoas no Riocentro, cidade do Rio de Janeiro. Em 30 de março de 2011, dias antes da estreia de *Amor e Revolução*, o SBT levou ao ar o programa jornalístico *Conexão Repórter Especial*. Um dos entrevistados da programação foi o militar João Lucena Leal, que participou da operação para prender a atual presidente Dilma Rousseff. Segundo Kornis, esses programas “formam o eixo dramático de construção de uma memória do regime militar, cujo formato teve como objetivo final o ‘fazer justiça’” (KORNIS, 2011).

² A ditadura no Brasil teve início em 1964, com um golpe que resultou no afastamento de João Goulart da presidência. O regime militar teve, ao todo, cinco presidentes e uma junta governativa e durou até a eleição indireta do civil Tancredo Neves. Durante a ditadura, os militares legislaram por meio de dezessete Atos Institucionais, sendo o AI-5, de 1968, o que causou maior impacto político. Ele suspendeu a Constituição de 1946, dissolveu o Congresso Brasileiro. O regime militar ficou marcado como um período de perseguição, prisões arbitrárias, tortura e morte institucionalizada nos porões da ditadura. A tentativa de luta armada contra o militarismo instaurou-se fortemente nas guerrilhas, que reuniam cidadãos em diversas organizações articuladas para combater o regime. Nos meios de comunicação de massa, dominavam a censura, a propaganda institucional ufanista e o patrocínio de canais a favor do regime.

³ O SBT é uma emissora de televisão aberta que tem como público principal integrantes das classes C e D. *Amor e Revolução* foi sua primeira telenovela a trazer relatos reais ao final de alguns capítulos. Na televisão brasileira, tal recurso foi utilizado pela Rede Globo (líder de audiência) em algumas telenovelas. A primeira foi *Páginas da Vida* (2006-07), mas merecem destaque também *O Clone* (2001-02) e *Viver a Vida* (2009-10).

⁴ Na Telinha: “*Amor e Revolução* chega ao fim sem surpreender no Ibope”, no site Na Telinha, 14 de janeiro de 2012. Disponível na internet (30/01/2012) em: <http://natelinha.uol.com.br/noticias/2012/01/14/amor-e-revolucao-chega-ao-fim-sem-surpreender-no-ibope-154455.php>.

No enredo da teledramaturgia, Maria Paixão é uma líder do movimento estudantil que vai para a guerrilha; José Guerra é um militar que deserta para se juntar à luta armada contra a ditadura. José é filho de Lobo Guerra, um general da linha-dura. No principal núcleo dramático, destaca-se também Aranha, um delegado torturador do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), e Batistelli e Jandira, líderes da luta armada. O pano de fundo da telenovela é a luta pela liberdade em todos os sentidos: liberdade de expressão e de imprensa, democracia, respeito às crenças e à individualidade. Nesse contexto, desenrola-se a trama política e social.

Em meio ao conteúdo ficcional, *Amor e Revolução* retratou fatos reais: estiveram presentes na trama os Atos Institucionais que mantiveram o Brasil por vinte e um anos apartado do Estado de Direito, as torturas nas celas da polícia política, a morte do estudante Edson Luiz na manifestação do restaurante Calabouço no Rio de Janeiro, a censura à imprensa, a repressão às peças teatrais que clamavam por liberdade, as prisões arbitrárias dos estudantes que participavam do Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) em Ibiúna (SP) e o atentado frustrado com a explosão de uma bomba no Riocentro (RJ), local em que estudantes iriam assistir a um show de artistas brasileiros em comemoração ao Dia do Trabalho. Também tiveram espaço na trama as ações de guerrilha – os assaltos a bancos e residências para levantar dinheiro e o treinamento para a luta armada –, a trajetória dos exilados, seu retorno após a anistia em 1979 e a campanha pela redemocratização, intitulada Diretas-Já.

Paralelamente ao lançamento de *Amor e Revolução*, tramitava no Congresso Nacional um projeto de lei para instaurar a “Comissão da Verdade”. A telenovela entrou no ar três meses após Dilma Rousseff chegar à presidência da República. Primeira mulher a conquistar o cargo no país, foi militante política e integrou grupos de luta armada contra a ditadura. O abaixo-assinado, colhido no mês do lançamento para suspender a sua exibição, foi indeferido.

2. Polêmicas sobre a teleficção: sociedade e mídia como arenas de batalhas ideológicas

Amor e Revolução gerou tanto expectativas positivas quanto críticas ferrenhas. Alguns enxergaram a contribuição de um gênero popular como a telenovela no resgate de um momento histórico, outras pessoas criticaram a qualidade da produção e surgiram até defensores do retorno da censura aos meios de comunicação. A crítica ao oportunismo do SBT também ganhou força. Afinal, o canal foi criado com concessão do militarismo e, enquanto durou, veiculava em sua programação um documentário intitulado *A semana do presidente*, destacando as principais ações do governo. Mas, nos dias de hoje, nada mais conveniente para o canal do que retratar os anos de chumbo brasileiro, pois o país tem como presidente uma mulher que esteve presa por sua atuação contra a ditadura.

O conflito ideológico apresentou-se assim que começou a veiculação da telenovela, que despertou descontentamento principalmente em um dos setores retratados na trama: os militares, os quais discordavam da maneira como a classe foi representada em *Amor e Revolução*. A Associação Beneficente dos Militares Inativos e Graduados da

Aeronáutica (Abmigaer) preparou um abaixo-assinado⁵ pedindo a suspensão da novela. Na ocasião, José Luiz Dalla Vecchia, primeiro-secretário da Abmigaer e autor do manifesto, declarou: “É óbvio que o governo federal, através da Comissão da Verdade, recém-criada, está participando do acordo em exibir a novela”⁶.

O autor da telenovela, Tiago Santiago, afirmou⁷ que não teve a intenção de defender nenhum partido ou posição política com *Amor e Revolução*, mas sim retratar o período histórico, por meio de sua criação. Pelo fato de essa teleficção conter muitas cenas de tortura e de perseguição a comunistas e socialistas, Santiago afirmou que possivelmente algumas pessoas pensariam que ele estava defendendo a esquerda. “Não pretendo fazer campanha política, mas sim fazer ficção. Pessoalmente, sou a favor da democracia”, disse no lançamento da novela.

Em entrevista concedida a Dayse Maciel de Araujo (08/12/2011), uma das autoras deste artigo, Santiago declarou que a ideia de criar uma telenovela sobre o tema surgiu em 1995. Motivou-o ter nascido na década de 1960 e ter crescido ouvindo seus pais se queixarem de que não podiam votar em função dos impedimentos impostos pelos Atos Institucionais dos militares no poder. Além disso, foi influenciado pelo irmão Gerardo Santiago, que pertencia à Convergência Socialista, uma organização que lutava contra a ditadura e posteriormente deu origem ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unidos (PSTU)⁸.

Na semana em que estreou, a telenovela gerou diversas matérias na imprensa. A jornalista Thaís Pinheiro, do jornal *O Estado de S. Paulo*⁹, expressou sua surpresa pelo fato de o SBT investir em uma telenovela tão ousada: “A TV mais feliz do Brasil, afeita a dramas mexicanos de cenários e diálogos pouco críveis? É o mesmo canal de Silvio Santos, sempre distante de controvérsias políticas? Imprevisível, Silvio Santos guardou na gaveta uma novela de sua mulher, Íris, para apostar no título em questão, que afinal é bem capaz de resgatar ao SBT parte do prestígio perdido nos últimos tempos”.

Em 7 de abril de 2011, Fernando de Barros e Silva escreveu¹⁰ no jornal *Folha de S. Paulo* que “o enredo confunde dados históricos e a direção remete a dramalhão mexicano [...] Na novela com intenções edificantes do SBT, porém, adular a atual presidente parece mais importante do que esclarecer as massas”. Já o crítico de

⁵ NUNES, Aline (2011): “Militares reprovam novela do SBT”, no site do *Jornal da Tarde*, 12 de abril de 2011. Disponível na Internet (20/01/2012) em: <http://blogs.estadao.com.br/jt-variedades/militares-reprovam-novela-do-sbt/>.

⁶ INSTITUTO Zequinha Barreto (2011): “Associação de militares tenta censurar *Amor e Revolução*”, no site do Instituto Zequinha Barreto, 25 de abril de 2011. Disponível na Internet (29/01/2011) em: <http://zequinhabarreto.org.br/blog/?p=9046>

⁷ SACCHITIELLO, Bárbara (18/04/2011): “Militares se unem contra novela *Amor e Revolução*”, no site Meio & Mensagem. Disponível na Internet (20/01/2012) em: http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2011/04/18/20110418Militares_se_unem_contra_Amor_e_Revolucao.html.

⁸ PARTIDO SOCIALISTA dos Trabalhadores Unidos (PSTU): “Um pouco de nossa história”, no site do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados. Disponível na internet (29/01/2011) em: http://www.pstu.org.br/partido_historia.asp.

⁹ PINHEIRO, Thaís, “SBT sai do padrão”, *O Estado de S. Paulo*. Caderno TV, São Paulo, 3 a 9 de abril de 2011, p.4.

¹⁰ BARROS E SILVA, Fernando, “Aposta do SBT não vale como ficção nem como documento”, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Ilustrada, 10 de abril de 2011.

televisão¹¹ André Luiz Vieira declarou: “É perceptível que Tiago Santiago erra tentando acertar. [...] Entretanto, o didatismo aplicado nas falas dos personagens ultrapassa a barreira do bom senso”.

Na opinião de Eugênio Bucci, jornalista e professor do curso de Jornalismo na ECA-USP e na ESPM-SP, a novela não teve qualidade estética, mas revelou aspectos positivos, principalmente pelos depoimentos apresentados¹²:

Ao fim de cada capítulo, seres humanos reais, tanto aqueles que defenderam o regime militar como os que o enfrentaram e sobreviveram, dão depoimentos detalhados, em primeira pessoa. Nisso, no uso que faz de testemunhos de gente de verdade ao fim dos capítulos, o SBT apenas copia sem a menor cerimônia a fórmula que fez escola em novelas da Globo, mas, desta vez, o que temos são relatos das vítimas da tortura, num nível de profundidade e numa extensão que nunca se viu na TV brasileira. Apenas por esses depoimentos, *Amor e Revolução* já teria valido. Ela ajuda o país a desvelar o tabu, a libertar dos arquivos mortos um assunto que os brasileiros têm o direito de conhecer.

Uma das mais importantes defesas¹³ da liberdade de expressão veio do escritor Walcyr Carrasco em seu *blog*:

Que mania temos de esconder tudo embaixo do tapete! A novela “Amor e Revolução”, de Tiago Santiago (SBT), mal estreou e já causou apreensão entre os militares. O Judiciário não aceitou o questionamento da novela. Mas houve uma tentativa de tirar a novela do ar. Eu me pergunto: qual o problema? Já se sabe que houve tortura durante o governo militar. Temos uma presidente que foi, ela própria, vítima da tortura. Então, por que a oposição dos militares a uma novela que quer, simplesmente, retratar um momento da História?

Amor e Revolução teve repercussão também na Argentina. O site do jornal *El Clarín*¹⁴ relacionou a telenovela de Tiago Santiago ao mandato da presidente Dilma Rousseff. A matéria tratou ainda do destaque recebido pela ficção: “A pesar de que fue una de las más prolongadas de América del Sur, la dictadura brasileña está prácticamente ausente en el debate político y del calendario oficial. Por eso la noticia del lanzamiento de la novela tuvo mucha repercusión en el ámbito político”.

3. Representação histórica em dramaturgia: os termômetros Youtube e telenovela

Dois meses antes da estreia da telenovela, o site de vídeos Youtube já disponibilizava dramatizações de tortura que seriam apresentadas em *Amor e Revolução*. Houve especulações de que elas teriam sido publicadas pelo SBT como estratégia de

¹¹ BATISTA, André Luiz. “*Amor e Revolução* tem mais acertos que erros”. Disponível na Internet (30/01/2012) em: <http://audienciaetv.com/2011/04/amor-e-revolucao-tem-mais-acertos-que-erros>.

¹² BUCCI, Eugênio. “Inestimável novela péssima”. *O Estado de S. Paulo*, Caderno Aliás, São Paulo, 17 de abril de 2011, p. J6.

¹³ CARRASCO, Walcyr (22/04/2011). “*Amor e Revolução*”. Disponível na Internet (20/01/2012) em: <http://vejasp.abril.com.br/blogs/walcyr-carrasco/2011/04/22/amor-e-revolucao>.

¹⁴ Clarín.com, Página Mundo (07/04/2011): “Una novela evoca a Dilma en su juventud, durante la dictadura”. Disponível na Internet (30/01/2012) em: http://www.clarin.com/mundo/novela-evoca-Dilma-juventud-dictadura_o_458354237.html.

lançamento da telenovela¹⁵. Os depoimentos reais foram outro destaque da telenovela a chegar ao Youtube.

Retomamos as colocações de Susan Sontag (2004) sobre o poder da imagem e a necessidade de consumi-la: “Uma sociedade se torna ‘moderna’ quando uma de suas atividades principais consiste em produzir e consumir imagens, quando imagens têm poderes excepcionais para determinar nossas necessidades em relação à realidade e são, elas mesmas, cobiçados substitutos da experiência em primeira mão [...]” (p.170). A nosso ver, na atualidade, a produção e o consumo de narrativas audiovisuais na internet ganhou o espaço antes destinado à fotografia. Dessa forma, o que é ‘postado’ no YouTube recebe novos significados e experiências de consumo¹⁶, como as relatadas a seguir.

As cenas de *Amor e Revolução* contendo ameaças e tortura foram as mais acessadas. Uma delas¹⁷, que mostra uma jovem em trajes íntimos sendo ameaçada, até o dia do encerramento deste artigo tinha gerado 154.110 visitas (30/01/2012); outra¹⁸, que traz um casal de namorados com imagens de tortura por afogamento, teve 51.098 acessos (30/01/2012); e uma terceira¹⁹, mostrando uma das personagens presa a uma cadeira de choque, rendeu 37.314 visitas. Em relação aos depoimentos, os mais acessados foram o de Carlos Eugênio da Paz²⁰, um ex-militante da Ação Libertadora Nacional (ALN), com 14.831 visitas; os da presa política Maria Amélia Teles²¹, a Amelinha (13.732); o de José Dirceu²² (11.133), político e ex-presidente do Partido dos Trabalhadores (PT); e o de Carlos Araújo²³, ex-marido de Dilma Rousseff (10.372). Os depoimentos dos militares Sebastião Curió e Jarbas Passarinho²⁴, condensados no Youtube em um único vídeo, tiveram 5.964 acessos. Curió combateu a guerrilha do Araguaia e Jarbas Passarinho assinou o AI-5, documento que deu plenos poderes aos militares.

Tanto os depoimentos quanto as cenas da telenovela são cenário de discussões políticas bastante acirradas entre os internautas do Youtube. Da mesma forma, revelam a complexidade das mídias sociais. Lopes e Munglioli (2011) ressaltam a

¹⁵ Na Telinha (06/02/2011): “Vazam novas cenas de tortura de *Amor e Revolução*”. Disponível na internet (30/01/2012) em: <http://natelinha.uol.com.br/noticias/2011/02/06/223343.php>.

¹⁶ Apoiamo-nos nas colocações de Néstor García Canclini (2006), para quem o consumo se constitui de processos socioculturais que, ao ocorrerem, produzem sentido, indo além da recepção passiva dos conteúdos divulgados pelos meios de comunicação de massa.

¹⁷ Youtube (03/05/2011): “Olívia é torturada em *Amor & Revolução*”. Disponível na internet (30/01/2012) em: <http://www.youtube.com/watch?v=D9mS63H4WFE>.

¹⁸ Youtube (06/02/2011): “*Amor e Revolução* – Cena de tortura (sonorizado)”. Disponível na internet (30/01/2012) em: <http://www.youtube.com/watch?v=LuX95WLyQn8>.

¹⁹ Youtube (07/02/2011): “*Amor e Revolução* – Cap. 05”. Disponível na internet (30/01/2012) em: <http://www.youtube.com/watch?v=wTFWa-cjceM>.

²⁰ Youtube (21/04/2011): “Depoimentos novela SBT *Amor e Revolução* Carlos Eugênio da Paz 21/04/2011.Avi”. Disponível na internet (30/01/2012) em: <http://www.youtube.com/watch?v=rWZUhnGsavc>.

²¹ Youtube (05/04/2011): “SBT HD – *Amor e Revolução* – Depoimento #1 Maria Amélia Teles”. Disponível na internet (30/01/2012) em: <http://www.youtube.com/watch?v=WwQmM8ci9cl>.

²² Youtube (20/04/2011): “*Amor e Revolução* – Depoimento: José Dirceu (20/04/2011)”. Disponível na internet (30/01/2012) em: <http://www.youtube.com/watch?v=VzANIBv7fVO>.

²³ Youtube (05/07/2011): “Carlos Araújo, ex-marido da presidenta Dilma Rousseff, depoimento para *Amor e Revolução* parte 1”. Disponível na internet (30/01/2012) em: <http://www.youtube.com/watch?v=TC3uJcHZjAO>.

²⁴ Youtube (08/04/2011): “SBT HD – *Amor e Revolução* – Depoimento #4 Sebastião Curió R. de Moura e Jarbas Passarinho”. Disponível na Internet (30/01/2012) em: <http://www.youtube.com/watch?v=mGmqw8nJRTE&feature=related>.

grande atividade das comunidades virtuais e destacam o fato de serem “plurais e múltiplos, ainda que diversos, fragmentados e individualizados” (p.245). Nas dramatizações, questões políticas e ideológicas dividem atenção com temas como o estupro, bem como com comentários sobre a beleza de determinada atriz ou ator, sobre a qualidade dramática e técnica da telenovela. Já em alguns depoimentos, notamos o interesse pelos fatos históricos. Muitos postam informações adicionais sobre acontecimentos relacionados e indicam outros vídeos com dados relevantes sobre o momento histórico.

Há grande embate ideológico. Isto nos faz recordar Arlindo Machado (2009): “A televisão é o lugar da informação permanentemente atualizada, da educação continuada, do entretenimento serializado e, se possível, da participação da comunidade de telespectadores” (p.228). Com o surgimento das redes sociais, telespectadores encontram um novo espaço de expressão. No caso de *Amor e Revolução*, encontramos a presença de discursos contra a ditadura (caso da maioria dos *posts* do Youtube) e a favor da retomada dos fatos históricos, dos quais trazemos o seguinte exemplo²⁵:

Exemplo 1: “Queria poder ver a cara de quem fez isso com ele, dos torturadores, queria saber como anda o coração deles também, como podem olhar para seus filhos e netos sabendo que fizeram sofrer tantos outros filhos e netos de nosso Brasil. Como ensinar o certo e errado se nem os próprios sabem, vergonha alheia da história esquecida de nosso país, e um orgulho imensurável de todos os lutadores, que por um mundo melhor deram a única coisa que lhes pertencia, a vida.”

Mas deparamos, da mesma forma, com *posts* de pessoas que atacam as táticas de guerrilha (exemplos 2 e 3):

Exemplo 2: “Realmente não dá pra entender como tem gente que assaltava banco, sequestrava e explodia bomba para instalar um regime comunista soviético. Deveriam ser todos presos.”

Exemplo 3: “É meu filho, mas os terroristas e bandidos estavam se infiltrando no exército, nos sindicatos e nos setores do governo. Foi necessário o exército intervir mesmo, justamente pra acabar, pela raiz, com a graça. Você fala muita besteira. Não leu nada sobre o assunto. E fica falando pelos cotovelos. Já aderiu até o clichêzinho comunista: todo mundo é fascista, só você é o santo. Tadinho de você, nem originalidade você tem!”

As múltiplas vozes que formam o Brasil da atualidade podem ser encontradas nos depoimentos presentes no Youtube. Elas constituem um extrato da sociedade brasileira e das questões que a ditadura militar ainda suscita. Questões que *Amor e Revolução* retomou em sua dramaturgia. Afinal, toda telenovela narra uma história que está inserida em um contexto histórico e social. Lembramos aqui também o conceito empregado por Michel Pêcheux, de *estatuto social da memória*, espécie de conjunto de costumes sociais guardado na memória e não sistematizado. Esse estatuto carrega consigo informações comuns ao coletivo, que permitem a interpretação ou a produção de um discurso de acordo com os signos utilizados pela sociedade. As

²⁵ Os exemplos 1, 2 e 3 estão em: Youtube (05/04/2011): “SBT HD – *Amor e Revolução* – Depoimento #1 Maria Amélia Teles”. Disponível na internet (30/01/2012) em: http://www.youtube.com/all_comments?v=WwQmM8ci9cI.

características guardadas na memória são, da mesma forma, buscadas para se constituir um discurso. Cada formação discursiva traz na bagagem outras vistas, de alguma maneira presentes no novo discurso. Como observa Orlandi (2010): “o interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determina o que dizemos” (p.33). É nesse interdiscurso que estão as referências para o dizer.

A intersecção entre memória e dramaturgia nos é oferecida por Jesús Martín-Barbero (2009). Ao abordar a relevância cultural da telenovela nas sociedades da América Latina, esse autor observa: “Não existe acesso à memória histórica nem projeção possível sobre o futuro que não passe pelo imaginário” (p.306).

Na obra *Cinema e História*, Marc Ferro (2010) analisa diversos filmes como artefatos culturais e pondera que “o problema consiste em se perguntar se o cinema e a televisão modificam, ou não, nossa visão da História; não é apenas o conhecimento do fenômeno, mas igualmente a análise dos elos que unem o passado ao presente, a busca das continuidades, de rupturas” (p.181).

Para explicitar seu raciocínio, Ferro classifica a História em quatro segmentos: História-memória, História geral, História experimental e História-ficção. Cada categoria é descrita na tabela que se segue.

	<i>História-memória (grupos, comunidades etc.)</i>	<i>História geral (Estados, partidos, nações)</i>	<i>História experimental</i>	<i>História-ficção</i>
Princípios da organização	Cronológico	Cronológico	Lógico	Estético, dramático
Escolha das informações	Acumulativo	Hierárquico	Explícito	Ligado ao presente
Função explícita	Identificação	Legitimação	Analítico	Princípio do prazer
Objetivos latentes dos autores	Dignidade	Honrarias e condecorações	Poder intelectual	Prestígio narcísico
Criatividade e inventividade	Nenhuma	No modo de classificar e de organizar	Na escolha dos problemas e definição daquilo que está em jogo neles	Na escolha de situações e na importância daquilo que está em jogo nelas

A nosso ver, a intersecção entre teledramaturgia e fato (apresentado pelos depoimentos reais) trabalha principalmente duas frentes da matriz histórica proposta por Ferro: História-memória e História-ficção. Enquanto os depoimentos reais são elementos da história-memória, *Amor e Revolução* é história-ficção. Consideramos que a união das duas narrativas promove tanto a identificação (caso da História-memória) quanto o prazer (teleficção), o que se configura como forte elemento para a ressignificação dos discursos presentes nos *posts* do Youtube. Neles não há lugar somente para o relato, mas também para a identificação e a emoção. É a História em suas matrizes memória e ficção atuando como elemento mediador.

4. Congresso estudantil: um estudo de recepção da telenovela *Amor e Revolução*

Qual a influência dessa mediação no significado da comunicação entre os produtores da telenovela e uma parcela do seu público, mais especificamente, os estudantes? Para entender a relação entre a comunicação, a educação e o consumo da teledramaturgia em questão, realizamos uma pesquisa qualitativa com 10 (dez) estudantes presentes no 52º Congresso da UNE em Goiânia, nos dias 14 e 15 de julho de 2011. Abordamos os seguintes tópicos: idade, faculdade, instituição, local, filiação à UNE, opinião sobre a importância da UNE atualmente, conhecimento sobre a atuação da UNE na década de 1960, conceitos sobre ditadura e democracia, até que período da história do Brasil estudou no ensino médio, se já havia assistido à telenovela *Amor e Revolução* ou acessado seu *blog*, qual a sua opinião sobre a importância do resgate da memória do movimento estudantil durante o período militar.

Os entrevistados – cinco homens e cinco mulheres –, com idades entre 20 e 25 anos, pertencem a nove estados brasileiros: Alagoas, Amapá, Goiás, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. São graduandos de Jornalismo, Matemática, Teatro, Direito, Serviço Social, Educação Física, Geografia, Marketing, Ciências Sociais e Engenharia Civil. Oito deles cursam escolas públicas e um é bolsista de instituição privada. Seis são filiados à UNE ou fazem parte do Centro Acadêmico de sua escola.

Para esses jovens, a ditadura é vista como: barbárie contra o ser humano; repressão de ações, de sonhos e do pensar; uma sociedade em que a maioria não tem voz, não pode manifestar-se, não tem liberdade de ir e vir, de pensar e ser; não poder sair na rua tranquilo; extrema violência; tristeza; animalismo; a parte mais feia da humanidade; muitas mortes; governo autoritário e fortalecimento dos militares. A ausência de liberdade, para os jovens entrevistados, é relacionada à tristeza e à ausência de sonhos. O sistema político e a repressão por ele imposta ganharam tal condição no imaginário coletivo. A violência citada por eles não é somente a física, mas também a de não ter voz.

A democracia é conceituada não só como um regime político, mas também econômico e cultural; é um processo construído constantemente; não é só votar, é ter voz na sociedade; acesso à educação, à saúde; ter qualidade de vida; ter direito de organizar-se; viver em um Estado de Direito; novidade em nosso país; uma conquista sem precedentes, cada vez mais positiva. Notamos aqui, novamente, o emprego de ‘ter voz’, o que reforça a relevância que ganhou em nossa sociedade a liberdade de expressão.

Dos dez estudantes, seis não assistiram a *Amor e Revolução* nem acessaram seu *blog*. Entre os que viram, houve valorização de seu resgate histórico. Um dos entrevistados assistiu aos primeiros capítulos e comentou que “a telenovela quebrou um tabu ao mostrar a ditadura, porque muitos grupos não querem que o passado seja conhecido”. Outra jovem, que afirmou gostar da telenovela, disse que “a emissora não tem suporte técnico e a qualidade da telenovela fica a desejar, mas fez uma boa representação do período militar para que todos saibam o que aconteceu”.

O resgate da memória do movimento estudantil durante o governo militar é tido como relevante por razões como: dar valor à liberdade de hoje; conhecer, conscientizar as pessoas de que muita gente lutou; saber quem estava de um lado e hoje mudou de posição; saber “o que os estudantes da década de 1960 passaram e a geração atual não passou”. Afirmaram ainda que “o presente tem que aprender com o passado, tem que abrir os arquivos secretos para punir os criminosos, e o povo tem que saber que não foi culpado por ter reagido, que ir para as ruas não é errado”.

5. Conclusão

Para os jovens entrevistados, *Amor e Revolução* tem seu lugar na história: trouxe para o gênero ficcional mais popular no Brasil um momento do país que até então não tinha sido retratado como protagonista. Ao trazer a ditadura militar para o protagonismo da narrativa, Tiago Santiago e sua telenovela foram pioneiros. As colocações dos estudantes dão sinais para pensarmos na telenovela como espaço de construção da cidadania.

Omar Rincón (2006) já lançou a questão – *¿podrás existir ciudadanía en las estéticas mediáticas?* (p.39). Compactuamos com a colocação de Baccega (2009), que descreve a cidadania como “um conjunto de três passos indispensáveis: o sujeito ter consciência de que é sujeito de direitos, ter conhecimento de seus direitos [...] e serem adjudicadas ao sujeito as garantias de que ele exerce ou exercerá seus direitos sempre que lhe convier” (p.2). Entendemos que a combinação entre narrativa teleficcional e a interatividade proporcionada por mídias como o Youtube pode contribuir para a prática da educação e da cidadania.

Um olhar atento e crítico sobre o que se sabe da História, sobre como ela é retratada – bem como sobre os múltiplos discursos que integra – pode nos ajudar a ver os caminhos da criticidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCEGA, Maria Aparecida (2009): *Inter-relações comunicação e consumo, receptor e consumidor*. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação no XXVIII Encontro da Compós na PUC-MG, Belo Horizonte, em junho de 2009. Disponível na Internet (10.09.2011) em:

http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1114.pdf .

FERRO, Marc (2010): *Cinema e História*, tradução Flávia Nascimento, São Paulo, Paz e Terra.

- GARCÍA CANCLINI, Néstor (2006): *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*, 6. ed., Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- KORNIS, Mônica Almeida (2011): *As “revelações” do melodrama, a Rede Globo e a construção de uma memória do regime militar*. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Estudos de Televisão” no XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011. Disponível na internet no site:
<http://www.compos.org.br/pagina.php?menu=8&mmenu=0&fcodigo=168>.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de Lopes; MUNGIOLI, Maria Cristina Palma (2011): “Ficção televisiva transmidiática: temas sociais em redes sociais e comunidades sociais de fãs”, in: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de Lopes (org.). *Ficção televisiva transmidiática no Brasil: plataformas, convergências, comunidades virtuais*, Porto Alegre, Sulina.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús (2009): *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, 6. ed., Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- MACHADO, Arlindo (2009), “O mito da alta definição”, in: FECHINE, Yvana; SQUIRRA, Sebastião (orgs.), *Televisão digital – desafios para a comunicação*, Porto Alegre, Sulina.
- ORLANDI, Eni (2010): *Análise de discurso: princípios e procedimentos*, 9. ed., Campinas, Pontes.
- PÊCHEUX, Michel: “Lecture et mémoire: projet de recherche”, in: MALDIDIER, Denise (1990): *L’Inquiétude du Discours: textes de Michel Pêcheux*, Paris, Éditions des Cendres.
- RINCÓN, Omar (2006): *Narrativas mediáticas o cómo cuenta la sociedad del entretenimiento*, Barcelona, Gedisa.
- SONTAG, Susan (2004): *Sobre fotografia*, tradução Rubens Figueiredo. São Paulo, Companhia das Letras.